

BRUNO KOHLER



HISTÓRIAS DE INSÔNIA

Apresentação

Este é um portfólio criado para a disciplina de Escrita Criativa da Universidade Federal de Santa Catarina. O nome “Histórias de Insônia” se deu pelo fato de que a maioria dos contos foram escritos e pensados enquanto enfrentava insônia (e os que foram escritos em aula, escritos após pouquíssimas horas de sono).

Tentei, ao decorrer do semestre, sair de minha zona de conforto e tentar escrever contos não (ou não muito) cômicos. Será possível perceber que falhei quase que miseravelmente. Esta foi minha primeira experiência escrevendo histórias minhas em tal frequência. E, apesar de ter tido dificuldades com certos temas, gostei muito da prática e ficarei feliz em continuar escrevendo as coisas que vierem à minha mente enquanto me reviro na cama.

Quanto aos objetivos, busquei variar a forma de meus contos, viajando de contos “tradicionais” até histórias contadas por mensagens de textos de celulares e relatórios de agências secretas estadunidenses. Busco, claro, divertir ao leitor e espero esperançosamente, arrancá-lo uma risada ao menos.

Bom divertimento! (Ou não)

Sumário

Medalhista Olímpico	4
Cálculo Renal	6
Dupla Personalidade	8
Vazio	12
Casa da Vovó	15
Relatório Confidencial	19
O Grande Roubo	21
Durden	28
Obras e Contos	33
Cegueira Humana	35

Medalha de Prata nas Olimpíadas, Bruno Kohler, fala sobre o início de sua carreira como atleta



Após conquistar a décima quinta medalha brasileira nas Olimpíadas do Rio 2016 nos duzentos metros rasos, com a marca de 19.80 segundos, atrás apenas do Jamaicano Usain Bolt, o atleta catarinense Bruno Kohler conta um pouco das suas origens como atleta na corrida de velocidade, e o que o levou a competir pelo esporte.

Nascido e criado em Blumenau, Santa Catarina, Bruno sempre gostou de brincar ao ar livre, e foi em uma experiência um tanto quanto curiosa que sua vocação de atleta foi descoberta. Quando questionado sobre, Bruno respondeu: “É uma história engraçada, quem me descobriu na verdade foi um professor de educação física de uma escola ao lado da minha casa. Eu morava ao lado de um campo de grama que era utilizado para criação de gado, e depois desse campo ficava a escola. Eu sempre ia até lá para assistir pequenos campeonatos que aconteciam aos sábados. Em uma dessas ocasiões havia um touro bravo solto no campo, e só reparei isso na metade do caminho, quando já era tarde, o bicho disparou contra mim e nunca corri tão rápido em minha vida, acho que se aquele tempo tivesse sido cronometrado teria superado o de minha prova de ontem. E, por coincidência, o professor Luiz Fernando presenciou esse momento de desespero, e quando cheguei aliviado na escola ele veio até mim e perguntou se eu não gostaria de entrar para o clube de atletismo local. Então acho que, de certa maneira, devo minha conquista, e meu vegetarianismo, àquele boi furioso.” Brinca o atleta.

Conversamos também com a mãe de Bruno, Edinamar, que contou um pouco mais sobre as

repercussões desse acontecimento curioso e inesperado na vida do jovem atleta: “Mesmo tendo sido algo que direcionou a vida do Bruno para o atletismo, a experiência foi muito traumática para ele, quando criança ele até insistiu em parar de tomar leite e comer carne. Tínhamos que desligar a televisão quando a novela *América* começava, porque ele morria de medo do Boi Bandido. Até chamávamos ele de Tião carinhosamente, ele não era muito fã do apelido. Até hoje a história é um assunto um pouco sensível para ele, mesmo que ele diga que tenha superado. Eu vejo o medo nos olhos dele quando passamos perto de um pasto.”

Tentamos encontrar o tal touro, mas infelizmente ele foi abatido um ano após o ocorrido com Bruno. Conversamos com o dono do animal, o senhor Joaquim Severino Ferreira, que afirmou sentir orgulho de fazer parte dessa história: “É, o que aconteceu é que o Sebastião tinha sido castrado um dia antes e não tinha dado muito certo, o bicho ficou nervoso ‘que eu nunca vi’, deixei ele no pasto pra ver se ele sossegava o facho e deu no que deu. Fico orgulhoso que meu boi fez o menino virar campeão, acho que essa medalha é um pouquinho minha! Moleque da peste, começou a correr no meu terreno, do meu touro.” Conclui Joaquim de forma bem-humorada.



Foto 2. Joaquim e Sebastião (2003)

O professor de Educação Física do colégio Prefeito Antunes Maia, Luiz Fernando Gusmão, conta um pouco mais sobre seu primeiro contato com Bruno, e como descobriu nele o potencial para a modalidade

olímpica: “Eu já conhecia o garoto, ele sempre estava nos campeonatos dos sábados, por isso eu já deixava o portão dos fundos da quadra aberto para ele entrar. Mas quando o vi atravessar o campo, que deveria ter uns duzentos metros de largura, naquele pequeno intervalo de tempo, vi que o menino tinha potencial. Por trás de todas aquelas lágrimas, gritos e possivelmente um pouquinho de urina, vi um grande campeão olímpico.”

Quando questionado sobre os métodos de treinamento utilizados com Bruno, o professor respondeu: “No início foi um pouco decepcionante, ele não corria com a mesma intensidade como quando tinha corrido do boi, então eu tive uma ideia, gravei alguns mugidos bravos e os colocava no rádio quando Bruno corria. Isso de fato melhorou muito o desempenho do rapaz. Na primeira vez que tentei isso não avisei para ele, e ele correu tanto que não voltou naquele dia. Usamos essa técnica por muito tempo, até que a aperfeiçoamos, com a ajuda de uma psicóloga, e hoje em dia ele mentaliza o animal e pronto, corre como se não houvesse amanhã.”

Ao entrar em contato com a psicóloga Marina Goulart, responsável pelo trabalho com Bruno, a psicóloga contou à nossa equipe que tal técnica é comum no mundo competitivo. “Evocar os medos mais primitivos de um atleta para leva-lo ao extremo físico é algo comum nos esportes de explosão. Em meu tratamento, eu fazia Bruno assistir a Rei do Gado enquanto corria em uma esteira. Depois criei uma *playlist* com narrações de rodeio e o dei para ouvir enquanto treinava. Hoje em dia Bruno já consegue mentalizar situações com bovinos com extrema precisão e eficiência.”

No entanto, após o método utilizado pela Dra. Marina ter sido exposto por diversos portais de notícia, a psicóloga acabou perdendo sua licença e hoje responde por abuso psicológico de menores, por meio de técnicas severas de condicionamento mental. O comitê olímpico também responde por negligência, diante de provas que comprovam a utilização do método em diversos atletas, como Michael Phelps e Maurren Maggi.

Perguntamos a Bruno o que ele achava de toda a polêmica do uso de traumas psicológicos para aumento do desempenho esportivo: “Eu acho que a técnica tem pontos positivos que superam os negativos. Por um lado, eu tenho pesadelos com bois todas as noites, o que me faz dormir em média

somente quatro horas; não posso assistir filmes com bois, ou mamíferos artiodáctilos bovídeos em geral, tive que sair de várias sessões de cinema por aparições surpresa de vacas, quase morri quando assisti Twister; sempre pego caminhos mais longos em viagens para evitar áreas rurais de criação de gado. Por outro, agora tenho uma medalha de prata olímpica. Mas eu acho que tudo vale a pena quando...” Bruno teve que se retirar da entrevista, em prantos, por razões desconhecidas.

O atleta foi o primeiro brasileiro a trazer uma medalha olímpica na modalidade de duzentos metros rasos e trouxe a 122ª medalha olímpica brasileira, e se tornou o mais novo orgulho nacional.

Cálculo Renal

Ontem aconteceu uma coisa que mudou minha vida. Mas para falar de ontem preciso contar minha vida antes de ontem. Sempre quis ter aquela vida comum, sabe? Primeiro você nasce, com um ano e pouco você começa a andar, com uns dois aprende a falar, aos cinco levanta sua primeira geladeira e aos oito está voando e a visão de calor chega lá pelos 14 (Mas você só ganha a licença para utilizar sem auxílio dos seus pais aos 18), mas é lógico que você sabe disso. O que você não deve saber é que meus pais perceberam que eu tinha algo de diferente quando deixaram a televisão cair em cima de mim. Geralmente uma criança de quatro anos já consegue segurar uma televisão, mas eu não. Eles acharam que eu só era um pouco atrasado, já que algumas crianças só ganham a força aos seis, as vezes sete. Minha irmã foi precoce, fazia sentido eu ser “mais lento”. E tinha a dor também. Eu sentia dores nas costas com bastante frequência.

A esperança de ser só um atraso morreu há três dias, quando completei dezoito anos e meu pai me trouxe em suas costas para o meu primeiro dia de faculdade. Maior de idade e sem conseguir voar... isso não era atraso, isso era um permanente. Foi humilhante para mim, e eu conseguia ver a tristeza nos olhos dele quando aterrissou e me deixou na frente dos dormitórios.

Minha infância não foi ruim, tive amigos até os seis anos. Na verdade, até eu me meter em uma briga aos sete e quase perder um braço com um soco de um “coleguinha”. Eu já tinha ouvido histórias de “pessoas-fracas”, mas achava que eram uma lenda, todos achavam. Quando perceberam que eu era um desses meus pais começaram a me proteger exageradamente, me afastaram e fiquei sem amigos. Era perigoso para mim estar junto dos humanos “normais”.

Você sabe quais as adaptações que precisam ser feitas para uma pessoa fraca? Lógico que não sabe, duvido até que saiba o conceito de peso, ou que saiba o que é pular sem voar. Então, para pessoas-fracas levantar coisas é difícil, temos uma coisa que os médicos chamam de “energia”. Abrir as portas da casa era difícil demais para mim, só eu percebia o quão pesado o metal delas era. Meu pai teve que trocar todas as da casa. Ninguém pensa nos fracos ao construir uma porta. Tivemos que instalar umas coisas chamadas “escadas”, que são basicamente pedaços de madeira na parede para eu conseguir mudar de cômodos sem meu pai, mãe ou irmã precisarem me carregar voando

para cima e para baixo. Sim, tenho que pedir para alguém esquentar minha comida, por isso acabo optando por comida fria.

Minha sorte foi que meus pais me matricularam em uma escola térrea em que era proibido voar, consegui passar despercebido por um bom tempo. Esperava as outras crianças entrarem na sala para não ter que abrir a porta. Pelo mesmo motivo nunca saía para o banheiro no meio da aula. Na educação física (que consiste basicamente em arremessar pedras em paredes de aço) falava que preferia jogar xadrez. Eu sofri um pouco de *bullying*, sempre corria de brigas, qualquer chute, soco, sopro, era o suficiente para quase me matar. Mas tirando alguns incidentes isolados tudo correu bem... até o ensino médio.

No segundo ano do ensino médio o professor de educação física foi substituído, e esqueceram de avisar para ele de minha condição. Em uma das aulas ele falou que estava cansado de me ver jogando xadrez e me chamou para um dos exercícios. Eu falhei miseravelmente. Me deram um apelido irônico, começaram a me chamar de “Super-Homem”. Acho que você já concluiu que meu ensino médio foi um inferno daí em diante.

Mas tudo isso mudou ontem.

Acordei com a minha dor nas costas, mas dessa vez muito mais forte, então me levantei para ir no banheiro. No meio do processo todo senti como se tivesse algo dentro de mim, como se estivesse urinando fogo. Parecia que havia um galho espinhento percorrendo meu corpo em busca de uma saída. E de repente ele encontrou. Ouço um leve “ploft” vindo da água, a dor passou, olho para baixo e no fundo do vaso está uma pedra muito pequena, verde e fosforescente. Me assusto, me assusto muito, dei um pulo, na verdade dei mais que um pulo, eu literalmente, sim LITERALMENTE, saí voando pela janela.

Dupla Personalidade

Como toda quarta feira, Clara entrou no elevador e se dirigiu ao décimo andar. Dessa vez chegou ao consultório de sua psiquiatra, Doutora Marina, com vinte minutos de antecedência, para variar um pouco. Entrou na sala de espera e se acomodou em uma poltrona, a recepcionista sorriu para ela e acenou com a cabeça. Clara olhou no relógio e sussurrou para si mesma:

— Duas e quarenta

Abriu então seu diário de bolso e leu as primeiras frases. E, por fim, tirou um pequeno espelho de sua bolsa e fitou seu rosto por alguns segundos. Respirou fundo e aguardou ser chamada. O tempo passou num piscar de olhos e Clara ouviu a voz de Marina:

— Clara, entre por favor!

Clara entrou no consultório e dirigiu-se ao divã.

— Pode ficar à vontade — disse Marina, gesticulando à Clara para que deitasse

— Obrigado, Doutora — agradeceu Clara, com um sorriso

— Como foi sua semana? A Bruna apareceu muitas vezes?

— Algumas, sim. Mas, ultimamente, estou conseguindo tomar o controle bem mais depressa.

— Está tomando seus remédios corretamente?

— Estou sim.

— Muito bem, quer repassar os seus testes de realidade comigo?

— Não há necessidade não, “olhar no relógio, ler meu diário, olhar no espelho”

— Enumera Clara, calmamente.

— Muito bem. O que a Bruna fez essa semana?

— O mesmo de sempre, porém, menos violenta essa semana. Não tentou nada contra meu corpo, saiu poucas vezes de casa durante à noite. Na maior parte do tempo

vagou pela rua sozinha, até eu conseguir acordar e retomar o controle. Seus pensamentos estavam mais dispersos que o normal. Não consegui discerni-los com clareza.

— Isso é normal, pessoas com sua condição têm dificuldade em acompanhar o que a outra personalidade pensa. Principalmente quando não percebe que o que está acontecendo não é um sonho. Seu cérebro assume que você está dormindo profundamente, e tentar assumir o controle mental nessas situações é como tentar se lembrar de um sonho. Por isso, os testes de realidade, ao perceber que o que está acontecendo é real, seu cérebro desperta, e você consegue assumir o controle. Me desculpe repetir isso novamente, mas é muito importante que isso esteja sempre fresco em sua cabeça.

— Tudo bem doutora, eu entendo. Porém, há uns dois dias atrás ela falou comigo.

— Como você sabe que falava com você? — indagou Marina

— Conversamos por pensamentos, eu conseguia ouvir o que ela estava pensando. Era perto de três da manhã, ela tinha saído da cama e andado até a praça ao lado da minha casa, ficou sentada no balanço, logo abaixo de um poste. Ficou lá por bastante tempo, vendo os poucos carros passarem. Eu lembro de estar muito frio. Formigas passavam por cima do pé dela, ela encarava as janelas dos prédios próximos, se balançava levemente, e cantarolava alguma música. Eu sabia que ela estava no controle, mas dessa vez, decidi somente assistir.

— Você sabe que eu não recomendo isso, Clara. Você deve tentar assumir sua verdadeira personalidade o mais rápido possível.

— Eu sei, eu sei. Mas eu conseguia sentir que ela tinha algo para dizer. Então ouvi. Ela sabia que eu estava ali, pois os pensamentos dela foram mais nítidos do que nunca.

— E o que ela te disse?

— Ela me disse que a culpa não era minha, mas que também não era dela. Que não é fácil amar o mundo e a vida quando se é apenas um parasita mental no cérebro de alguém. Que não suporta ser reprimida até desaparecer. Que não é justo que não possa ter liberdade, como eu tenho. Que só possa caminhar, sentir o chão nos seus pés, sentir o ar por suas narinas, e o vento em seus cabelos, enquanto eu adormeço. Somente para ser expulsa novamente, seja por um relógio, uma frase em um diário, outdoor, ou por um

reflexo qualquer. Me disse também que vivíamos, antigamente, em harmonia. Que assumia o controle quando eu necessitava, para impedir minha dor.

Clara começou, inquieta, a mexer no relógio. E continuou:

— Disse que, durante minha infância, possuía tanta liberdade quanto eu, e que ninguém via problemas nisso. Que éramos melhores amigas, compartilhamos o mesmo corpo, afinal. Que as pessoas gostavam tanto da Clara quanto da Bruna, nem chegavam a reparar que eram duas pessoas diferentes. Que Bruna pode ser mais agressiva, às vezes, mas que ela tem os melhores motivos para isso. Na verdade, disse que não via problema nisso até você chegar. Imagine você viver em sua própria prisão. Imagine ter sua melhor amiga arrancada de você, juntamente com seu direito de viver, para ser jogada em um abismo mental horas e mais horas por dia. — Clara começa a chorar e procurar desesperadamente pelo diário em sua bolsa.

— Está tudo bem, Clara? — pergunta Marina, preocupada

— É claro que não está tudo bem. Eu finalmente percebi quem é a culpada de tudo isso. E não é nenhuma de nós duas. Nem Clara, nem eu.

Marina levanta-se e arregala os olhos, e, engolindo seco, pergunta:

— Nem você, quem? Bruna, é você que está aqui?

— Sim, sou eu. Eu pensei muito essa semana doutora. Não fazia sentido continuar punindo a Clara, ela é tão vítima disso quanto eu, eu vejo isso agora. Foi você que gerou todo esse sofrimento. É você que tenta me matar dia após dia, me deteriorando pílula após pílula.

Bruna se levanta do divã, pega uma cadeira, a coloca sob a maçaneta da porta e se dirige lentamente à Marina, enquanto arranca o relógio de seu pulso e joga sua bolsa longe. O espelho cai da bolsa e se quebra no chão. A médica anda de costas, tremendo e suando frio, enquanto tenta se afastar e gritar por sua secretária.

— Por que doutora? Por que você quer me fazer sumir? O que foi que eu fiz? O que há de tão errado em deixar com que eu tenha minha vida?

A secretária tenta entrar, forçando a maçaneta e batendo na porta, mas a cadeira impede o movimento da porta.

— Nada, Bruna, nada! — responde a doutora nervosamente — Eu não sabia que você se sentia assim. Você nunca tentou falar comigo.

— Falar como? Se você tenta me destruir a cada dia?

Bruna se aproxima de Marina e segura seu pescoço, empurrando-a contra a janela.

— É minha vez, doutora. Minha vez de te privar da vida. Você vai morrer, agora, do mesmo jeito em que morro dia a dia. Você vai sentir a solidão da queda, sem a certeza de que vai voltar. Aproveite o vento nos cabelos, eu garanto que você sentirá falta. — Diz Bruna ao empurrar Marina para fora da janela.

Vazio

Aurélio Teaser, vinte e nove anos, corretor de imóveis, e vencedor regional de canastra holandesa, é levado para uma oca distante por dois índios. No centro dela há uma cama e nada mais. Um dos índios então diz a Aurélio:

— É aqui que você tomará o chá. A cama é para seu maior conforto. Aqui está o chá, tome quando estiver pronto.

Aurélio então senta-se na cama, respira fundo e bebe tudo de uma vez. Sente sua pressão baixar, e tem a impressão de estar afundando na cama. Depois somente nada.

Aurélio retoma consciência e abre seus olhos apenas para encarar a escuridão:

— Oi? Alô, alô! Eco! Hm... Acho que bateu mesmo... Nossa bateu forte... AH! Quem é você? — Grita Aurélio ao homenzinho parado ao seu lado.

— Eu sou Aracaê, vou te acompanhar em sua jornada espiritual

— Jornada espiritual? Que você tá... Ah! O chá!

— Tenha mais respeito! O que você tomou foi um “Santo” chá.

— Tudo bem, desculpe. Mas o que eu faço agora?

— Como dito, você verá agora seu futuro, viajará pelo tempo e encontrará a si mesmo. Sua alma será dividida e você viverá muito mais.

— Você... existe?

— Existo somente pelo tempo necessário.

— Hm, e como eu faço para ver meu futuro?

— Você só precisa abrir seus olhos.

— Eles estão abertos, eu estou vendo você!

— Você precisa *realmente* abrir seus olhos

Sem entender nada direito, mas sendo muito teimoso para admitir, Aurélio tentou um truque que aprendeu quando era criança e começou a tremer a cabeça até ficar tonto... E funcionou. Quando seus olhos *realmente* abriram ele se viu ao lado de um senhor de cinquenta e poucos anos, cabeça quase sem cabelos, respiração leve e em sono profundo.

Aurélio então percebeu que se tratava de si mesmo. Antes de conseguir sentir qualquer sentimento conflitante e confuso que seria normal em uma situação como essa, o senhor acorda horrorizado do que parece ter sido um pesadelo. Um sentimento de medo extremo percorre o corpo de Teaser, que consegue sentir sua pulsação por cada centímetro de seu corpo. Uma dor aguda atinge Aurélio na barriga. Chocado ele olha para Aracê e pergunta:

— Que porra foi essa??

— Tudo que seu eu futuro sente, — responde o homenzinho — você sentirá também.

— Aquele velho sou eu? Eu vou ser careca??

Aracê simplesmente abana a cabeça em confirmação.

Aurélio, repentinamente, passou a sentir muita vontade de ir ao banheiro, parecia que sua bexiga iria explodir. Ele levou as mãos até onde estariam suas calças, mas não havia nada lá. Nada mesmo. Nem calças, nem mãos, nem pernas, nem genitálias. Aurélio suspirou assustado.

— Seu corpo não existe fisicamente no seu futuro, Aurélio. Você está aqui somente em espírito.

Isso foi quase um alívio para Aurélio, que estava um pouco, mas só um pouquinho, acima do peso.

O senhor, que por conveniência será chamado de Aurelião, se levanta de sua cama e se dirige ao banheiro. Ele tenta urinar, mas nada acontece. Apenas alguns pingos deixam, lentamente, o corpo do senhor, um a um. Nem Aurélio, nem Aurelião estão satisfeitos com a situação. Um sentimento de vazio parece surgir, mas nenhum dos dois sabe dizer de onde ela vem.

Ainda sentindo dor em sua barriga, e percebendo que não conseguirá voltar a dormir tão facilmente, Aurélião se dirige até a cozinha de sua casa, ambos sentem fome. Os corredores estão escuros. Um clarão repentino toma conta do olhar do senhor, ao olhar para cima percebeu que a luz do corredor, redonda e composta por quatro lâmpadas, havia se acendido. Ele tentou apagá-las sem sucesso. A luz parecia segui-lo, sempre acima dele, provavelmente sintoma da enxaqueca que acabou de tomar conta de sua cabeça.

— Minha velhice é uma merda! — Reclama Aurélio, tendo dificuldades em se concentrar com tantos incômodos e dores simultâneos.

Ao encostar a mão na geladeira os homens perderam, simultaneamente, a fome. O vazio havia aumentado, tomado seu lugar, como a carta certa toma o lugar do coringa na canastra holandesa. Uma forte tontura se alastrou por todo corpo de Aurélião e pela mente de Aurélio. O senhor, então, perdeu o equilíbrio e tombou contra o chão. Ou teria sido contra o teto? Ou contra as paredes? Não sabiam ao certo, não conseguiam discernir nada do borrão que havia se tornado sua visão. Sentiam vontade de vomitar, mas não tinham nada em seu estômago. O impacto fez com que ambos perdessem a respiração por alguns segundos, sentiam uma enorme pressão vindo do peito, cada arfada de ar parecia não ser o suficiente, como se o ar escapasse por algum furo e nunca mais retornasse. E então frio. Estranhamente, somente da cabeça para baixo. Muito frio. E mais vazio, muito mais vazio. Aurélio estava desesperado, ele queria sair, queria acordar, queria matar Aracaê, queria se matar.

— Você vai viver muitas vidas, muitas vidas, muitas vidas — Dizia o homenzinho, sua voz se distanciava a cada sílaba.

Aurélio então, juntou cada fagulha de energia que o restava e começou a tremer sua cabeça. A imagem de Aurelião, tremendo, buscando ar, debruçado no chão ficava cada vez mais turva. Uma luz passou a tomar conta da visão de Teaser, na verdade quatro luzes. Aurélio conseguiu finalmente abrir os olhos. Estava em outra oca, diferente da primeira. O frio continuava da cintura pra baixo, o que fazia sentido visto que se encontrava imerso em uma banheira cheia de gelo. A dor na barriga continuava, o que também fazia sentido, graças à recém adquirida cicatriz, ainda aberta e sangrando, que sentiu com a ponta dos dedos submersos. E o vazio interno continuava, e isso também, faz muito sentido.

Casa da vovó

Isaac chega na casa de sua avó após o primeiro dia de aula cabisbaixo, com a pequena mala de rodinhas vermelha do Mickey Mouse, que sua mãe havia lhe comprado para a viagem de férias. Viagem interrompida logo ao seu início pelo trágico acidente e que, certamente, ficará marcada na memória do órfão. O garoto de oito anos tem os cabelos castanhos de seu pai e os olhos verdes de sua mãe. Verde agora acinzentado, diluído pelas lágrimas das noites mal dormidas. Após a perda dos pais, passou a morar com sua avó, Ivone. A casa que antes lhe proporcionava alegria se tornou um símbolo de pesar.

A recepção da avó ao neto, que meses antes seria calorosa, agora não passa de um afagar nos cabelos. Ivone tem setenta e três anos, cabelos brancos, olhos pequenos, secos pela dor da perda de sua única filha, passo cansado e lento, com seu escapulário de Ave Maria balançando em seu pescoço. Sua casa é antiga, com pisos e paredes de madeira, desnecessariamente grande, como muitas casas daquela época. Seu interior é frio e a iluminação é fraca devido a turbidez dos lustres já envelhecidos. Junto parede da sala de estar está uma estante tomada de livros, composta basicamente por literatura católica e espírita. Na mesa de centro fotografias da filha, que vão desde a infância até o último natal que passaram juntas, há apenas um mês. Nas paredes fotografias de Isaac. Em um dos lados da mesa há um sofá antigo, com estampa de flores, desgastado, do outro, poltronas com a mesma estampa, e em cima de uma delas um livro de Chico Xavier marcado com a aba lateral e um óculos de leitura deixado ao seu lado.

— Vá tomar um banho e se trocar, hoje o grupo de oração vai ser aqui em casa, vamos rezar por você.

— Não posso só dormir, vó? Estou cansado, não consegui dormir de noite.

— Fez aquele xixi todo acordado então?

— Desculpa, eu achei que tinha alguém no meu quarto, fiquei com medo.

— Deixa de besteira menino, vai tomar seu banho.

O garoto obedece e Ivone passa a fazer as arrumações necessárias: Separa seis livros de oração iguais, um para cada cadeira da sala principal, e os coloca sobre a mesa, ao centro coloca uma grande Bíblia, situada sobre um pedestal, com as páginas de bordas douradas e letras ornamentadas, prepara velas no centro da mesa, com santinhos de Ave

Maria. Vai até a cozinha e começa a esquentar água para o café e se senta ao lado do fogão, enquanto espera seu olhar encara a janela de maneira vazia, sem prestar real atenção ao que vê. O barulho da chaleira a tira de seu estado de transe e ela segue com seus afazeres.

A noite chega, os convidados de Ivone estão reunidos ao redor da mesa, servindo-se de café e conversando, mantendo o tom baixo. Isaac conhecia vagamente aquelas pessoas, as tinha visto no funeral de seus pais, ele tenta evita-las ao máximo, desvia de suas perguntas e mantém-se quieto. Aquela situação era estranha a ele. Seus pais não eram pessoas religiosas, ele não conhecia rituais religiosos e nunca esteve junto a tanta gente velha ao mesmo tempo. Ao lado de sua avó, bem no centro da mesa está a médium, Patrícia, ela reza sozinha para se preparar. Quando ela conclui sua oração ela dá a ordem de início às orações. O grupo inicia a reza pelo terço, quando concluem fazem a leitura do evangelho, e então o discutem. Isaac cai no sono diversas vezes durante a sessão, até que a médium o chama diretamente pelo nome:

— Isaac, preciso que você venha até meu lado. Preciso também que todos, menos Ivone e Isaac, se retirem. Iniciaremos o passe e preciso de muita concentração.

Todos obedecem sem questionar. Patrícia apaga a luz da sala, a única iluminação restante é a das velas, que enchem o cômodo de sombras. O garoto vai, então até o lado de Patrícia. Ela pede que Ivone posicione sua mão direita no ombro do menino, coloca a mão sobre a cabeça da criança e inicia uma oração. Durante o ritual a mão de Patrícia se afasta rapidamente de Isaac diversas vezes, o que parece inquietar a médium. A avó fica inquieta, estava sendo diferente dos passes que presenciara até então. Isaac mantém-se estático durante todo o processo, encarando a face da mulher a sua frente. Face calma que adquire, de repente, uma expressão de puro horror. Patrícia retira a sua mão rapidamente da cabeça do garoto e pede para que se retire. Ele corre para o cômodo em que estão os outros convidados.

— Tem algo muito forte nesse garoto, Ivone. Um espírito muito carregado. — Afirma Patrícia, pálida. Suas rugas, salientadas pela iluminação das velas, reforçam sua expressão assustada.

— Que tipo de espírito? — Pergunta Ivone, também assustada

— Algo muito ruim, um espírito vingativo. Ele falou comigo por alguns segundos, ele quer levar Isaac. Ele o culpa pelo que aconteceu.

— O que fazemos para tirá-lo daqui?

— Só nos resta rezar para que ele alcance a paz e deixe sua casa. Vá chamar os outros.

Ivone chamou os convidados e todos rezaram por horas e mais horas. Isaac ficou no sofá até que adormeceu com as vozes ao seu redor, rezando em tom ritualístico. Sua avó o acordou quando todos já tinham ido embora e o conduziu até a cama.

Na noite a madeira da casa range com o vento. As frestas da casa criam um som de assovio grave e fantasmagórico. O vulto parado na sala, no entanto, é silencioso. Apenas observa os retratos, um a um, por horas. O sorriso da família antes de uma viagem de natal, pai e mãe no dia do nascimento de seu primeiro filho, o casal no altar, prestes a iniciar a vida juntos, a formatura, o primeiro dia de faculdade, a festa de quinze anos, o primeiro dia de aula, a criança na praia, a criança adormecida nos braços da mãe. Uma a uma, do passado recente ao mais distante. Da cor ao sépia.

Ao voltar-se para os quadros na parede, no entanto, o silêncio se quebra.

O garoto acorda, assustado, com o som de vidro se quebrando vindo da sala. Após segundos de silêncio passa a ouvir o som de passos, o ranger da madeira que se torna mais alto a cada segundo. O bater das janelas de seu quarto com o vento sincronizado com seu coração, disparado. O som dos passos cessa. Um arrepio percorre sua espinha. Não tem coragem de abrir os olhos. Ele puxa seu cobertor e cobre sua cabeça.

O vulto, imóvel ao lado da cama, observa Isaac sob seu edredom. Edredom que treme, que sobe e desce com a respiração pesada do garoto.

Isaac começa a chorar, sentindo sua respiração esquentar seu pequeno abrigo, suando muito e sussurrando para si mesmo:

— Não é nada, é só besteira minha. Não é nada, é só besteira minha. Não é nada, é só besteira minha. Não é nada. Não é nada. Não é nada.

Seu coração começa a desacelerar, a respiração se torna mais pausada, sua mão não treme mais com tanta intensidade. O garoto, então toma coragem, e lentamente remove o edredom da frente do rosto e olha para trás...

— Vó? Tudo bem?

Junto a sua cama está sua avó, com as mãos ensanguentadas, empunhando um caco de vidro em uma mão e um retrato da filha na outra.

**RELATÓRIO CONFIDENCIAL****CENTRAL DE INTELIGENCIA ESTADUNIDENSE****WASHINGTON D.C. MAIO, 1978****MEMORANDO PARA: O Honorável John K. Feinstein****ASSUNTO: Infiltração para Prevenção da
Ameaça comunista no Brasil - São Paulo, SP**

Dia 1: Inicialmente, agradeço a oportunidade de realizar uma operação de tamanha importância para meu país. Já estou alojado no local designado: Rua João Pessoa, 94 - CEP 89204-440, casa bege, muro baixo e telhado laranja, vizinho à casa do principal suspeito - Ademar Ruzanovsky, buscarei primeira aproximação amanhã. Apenas tomando algumas notas: Possuem um carro chamado Brasília, sua casa é de alvenaria com um grande terreno coberto de grama. Espero que a foice que avistei seja só para apará-la.

Dia 2: Acordei e liguei a televisão enquanto comia pão com ovo, havia um sujeito vestido de milho falando com um rinoceronte, procurei mensagens subliminares dos "commies", mas não encontrei nada. Ao me preparar para o primeiro contato com o suspeito, me espanto ao ser recepcionado por Ademar, sua esposa Ana, e seus filhos Raquel e Lucas em minha porta da frente. Me cumprimentaram com abraços e um convite para um churrasco no sábado. Estou atento para um possível golpe de persuasão comunista.

Dia 6: Amanhã (Dia 7) é o dia do churrasco, aproveitei para andar pela vizinhança. Aparentemente todos da rua já me conhecem, sabem que sou americano e me chamam pelo nome. Até as crianças que jogam futebol no meio da rua já me pararam para perguntar "como é viver nos Estados Unidos". Com perguntas sutis, não detectei neles o mesmo interesse pelos países soviéticos.

Dia 7: Estou muito cansado e acabei de chegar em casa. A descrição de hoje será um pouco maior, pois tive muitas interações. O churrasco era em comemoração à aprovação de Raquel na faculdade de administração em uma instituição chamada Mackenzie, todos pareciam felizes, mas Roberto me disse que Ademar estava insatisfeito por Raquel não ter sido aprovada na Universidade de São Paulo. E mesmo não sendo o foco da confraternização, recebi de presente um par de chinelos, que tem o nome em homenagem ao nosso estado do "Hawaii". Confesso que são extremamente confortáveis. Os brasileiros estão embalados no "rock 'n roll", Ademar dizia que seu bigode era uma homenagem a Freddy Mercury (embora a semelhança com Stalin seja inegável, estou de olho). **Favor enviar-me estudos sobre comunistas e sua relação com rock britânico.** Porém o assunto principal foi a Copa do Mundo de "soccer" que estava por vir. Sinto uma grande rivalidade com a Argentina, país sede da copa. Fui convidado para assistir aos jogos na

casa de diversas pessoas. Um dos convidados, João, tinha acabado de comprar sua primeira televisão com cores somente para assistir à seleção jogar. Almoçarei na casa de Roberto, outro morador do bairro, dentro de alguns dias, e tentarei retirar mais informações sobre Ademar. Recebi o apelido de "gringo". Ademar me levou para um passeio em sua Brasília, que por sinal, não era nem um pouco única. Os brasileiros parecem gostar muito desse carro.

Dia 14: Cheguei em casa agora (Horário local 11:25PM) do almoço na casa de Roberto. Almoço que acabou virando jantar, isso parece ser muito comum por aqui. Eles queriam saber tudo sobre a América, contei-lhes só o superficial, não gostaria de entregar mais informações. Sobre Ademar, descobri somente que por trás do seu estilo de roqueiro há um grande fã de Bee-Gees.

Dia 18: Os últimos quatro dias dediquei a me adaptar à cultura brasileira, pois estou um pouco desconfiado com os constantes questionamentos sobre os Estados Unidos. Comecei, então, a assistir novelas, preciso dizer que Dancin' Days parece promissora, claramente inspirada em Saturday Night Fever. Travolta ficaria orgulhoso. Estou indo aos campos de futebol locais assistir os moradores jogarem. Criei uma simpatia pelo esporte. Estou pensando em torcer para o Santos, afinal, Pelé começou lá. E eles têm o Clodoaldo... tentador.

Dia 21: Dia da estreia do Brasil na copa do mundo. Fomos à casa de João para assistir ao jogo na televisão colorida que ele adquirira há pouco tempo. O Brasil iniciou perdendo, mas empatou com um gol de Reinaldo, foi muita adrenalina. Eu gritei apenas para me misturar, claro. Perguntei à Ademar o que ele achava do time da República Popular da Hungria, espero não ter sido óbvio demais. Ele somente me respondeu com "Hungria? Sei lá". Finalmente pararam de me chamar de gringo, já posso me considerar completamente infiltrado.

Dia 35: Desculpe-me pelo hiato de atualizações, asseguro-lhe que esta não ocorreu em razão da copa do mundo. E que meu mau-humor e brevidade também não se devem ao fato da Argentina ter sido campeã. Ainda nada de comunismo.

Dia 43: Os Ruzanovsky me convidaram para juntar-me a eles em suas férias na semana que vem, com destino à Salvador. Sinto que será a chance final de descobrir tudo sobre Ademar. Ou de deixar meu emprego de agente e me declarar brasileiro (risos). Brincadeiras à parte, partiremos dentro de seis dias.

Dia 60: Este relatório deve chegar junto a meu distintivo e revólver, e às havaianas que mandei de presente.

Agente Frank Drebin

Departamento de Segurança Nacional

O GRANDE ROUBO

Roteiro de
Bruno Kohler

1 INT. QUARTO - NOITE

1

Os irmãos gêmeos de nove anos, SOFIA e JOÃO estão cochichando sob uma cabana de lençóis que haviam construído, iluminados por uma lanterna.

SOFIA

Não, você que pede pra ele,
foi você que fez a gente ficar
de castigo!

JOÃO

Mas ele gosta mais de você!
Ele vive me fazendo tropeçar e
me assustando.

SOFIA

E daí, ninguém mandou você fazer
barulho na hora de dormir.

JOÃO

Mas você tava brincando também,
não é justo isso!

SOFIA

Tá bom, tá bom, fala baixo! A
gente pede juntos então.

João acena com a cabeça em concordância e começa a desmontar a barraca. Ambos vão para suas camas e adormecem.

CUT TO

2 INT. QUARTO DO IRMÃO MAIS VELHO - DIA

2

O irmão mais velho, MARCOS, está sentado em sua cadeira com um fone de ouvido em uma das orelhas. João e Sofia estão sentados no chão.

MARCOS

Não tô entendendo, o que vocês
querem que eu faça exatamente?

SOFIA

A gente tá de castigo, a mãe tirou
nossos controles do "Xbox" e
colocou no quarto dela, a gente
não sabe onde.

MARCOS

(debochando)

Ué, mas se estão de castigo fizeram
por merecer. Não tenho nada a ver

(MORE)

(CONTINUED)

MARCOS (cont'd)

com isso. E como eu iria saber onde a Mãe escondeu?

JOÃO

A Dona Cláudia sabe também, e ela gosta de você, ela diz que é porque você não faz barulho e só suja o seu quarto.

MARCOS

Tá, mesmo assim, mas o que eu ganho com isso?

SOFIA

Te deixamos jogar também!

MARCOS

E eu lá quero jogar o videogame de vocês... Quero a mesada dos dois desse mês.

Os gêmeos arregalam os olhos e cochicham algo um na orelha do outro.

SOFIA

Não, a mesada toda não dá. A gente ia ficar sem dinheiro e o pai ia perceber. Metade da mesada de cada um, pode ser?

MARCOS

Hmm, não sei não hein... Ah, tá bom. Mas se eu me ferrar eu quero as mesadas inteiras.

Os gêmeos balançam as cabeças em aprovação, agitados.

MARCOS

Só mais uma coisa, como vocês pretendem pegar o controle depois disso? A mãe sempre tranca o quarto dela. Eu é que não vou pegar.

JOÃO

A gente vai entrar no quarto deles enquanto eles estiverem dormindo e pegar.

MARCOS

Hahahaha, isso nunca vai dar certo. Mas tudo bem, quem tá perdendo dinheiro são vocês dois.

CORTA PARA

3

QUARTO GÊMEOS - DIA

3

João e Sofia esperam o irmão mais velho entrar no quarto.

JOÃO

Cadê ele? Tá demorando muito!

SOFIA

Calma mano, ele já deve estar vindo.

Marcos abre a porta

MARCOS

Os controles tão dentro da caixa de fotos, dentro do closet.

SOFIA

Como você descobriu?

MARCOS

Falei pra ela que precisava ver um negócio no videogame e perguntei se ela sabia onde estavam os controles. Ela falou do castigo e me disse onde estavam. Falei que não sabia e disse pra deixar pra lá. Facinho.

SOFIA

Tá! "Brigada" mano!

MARCOS

"Brigada" nada, quero meu dinheiro no começo do mês.

JOÃO

A gente sabe... Chato.

MARCOS

Hahaha, mês que vem hein?

Marcos fecha a porta e sai cantando.

CORTA PARA

4 QUARTO GÊMEOS - NOITE

4

ÉRICA, mãe dos gêmeos, dá um beijo na testa de cada um e os cobre antes de dormirem.

ÉRICA

Boa noite, durmam bem, até amanhã!
Sem ficar conversando até tarde que
vocês tem aula cedo, ok?

MARCOS E SOFIA

Uhum, boa noite!

Após Érica sair, Marcos e Sofia se levantam e sentam ao chão.

SOFIA

Vamos lembrar só mais uma vez. A gente espera o pai começar a escovar os dentes. Eu vou bater na porta e dizer que tô com sede mas tô com medo de ir na cozinha buscar água e pedir pra mãe ir comigo.

MARCOS

(Nervoso)

Uhum...

SOFIA

Você vai estar esperando aqui no quarto e quando ouvir a mãe descer a escada você entra no quarto deles e se esconde no closet. Sem deixar o pai te ouvir do banheiro.

MARCOS

Isso não vai dar certo mana, vamos cancelar, e se eu fizer barulho? E se a mãe ou o pai abrir a porta do closet? Acho melhor a gente esperar um mês até o castigo acabar.

SOFIA

Não não, nada de desistir agora. Você consegue, você sempre ganha no esconde-esconde, lembra? É só esperar eles dormirem e sair quietinho do quarto.

MARCOS

Tá bom, tá bom. "Vamo" rápido então que o pai já já vai entrar no banheiro.

(CONTINUED)

CONTINUED:

5.

Antes de saírem os irmãos se abraçam de maneira embaraçosa.

CORTA PARA

5 QUARTO PAIS - NOITE

5

Érica está na cama lendo um livro e EDSON está no banheiro escovando os dentes, quando ouvem uma batida na porta. Érica se levanta e vai verificar.

SOFIA

Mãe, tô com sede mas tô com medo de descer na cozinha pra pegar água. Vai comigo? Por favor, por favor!

ÉERICA

Por que não falou quando eu estava no seu quarto? Tá, tá, vamos...

Sofia acompanha sua mãe e olha de relance para o quarto, então acena a cabeça para o irmão que espia pela fresta da porta.

João sai do quarto o mais rápido que consegue sendo silencioso e vai até o quarto dos pais. Pisando na ponta dos pés entra pela porta e sem querer esbarra na cômoda ao lado da porta.

EDSON

(Boca cheia de pasta de dente) Érica...?

João fica imóvel e mudo. Edson volta então a escovar os dentes. João dirige-se até o closet, que está com a porta aberta o suficiente para ele entrar. Ele entra e se esconde atrás dos ternos e camisas pendurados. Logo ao lado de seus pés avista a caixa de fotografias.

Érica então retorna ao quarto.

ÉERICA

Ó amor, aproveitei e peguei um copo d'água pra você.

Edson cospe e agradece. Sai do banheiro e vai até o closet para apanhar seu pijama. Enquanto procura João prende a respiração para não emitir nenhum som. Após algum tempo, no entanto, inspira com força. Edson olha para o lado de cenho franzido, espera um pouco, pega o pijama e sai do closet.

João ouve os pais desejar boa noite e espera. Ao se certificar de que ambos estão dormindo, abre a caixa e retira os controles. Faz uma cesta com a parte inferior da

(CONTINUED)

CONTINUED:

6.

camiseta e os embrulha junto ao corpo. Passa pela porta do closet e na ponta dos pés dirige-se a porta do quarto. Gira a maçaneta com muito cuidado e abre a porta. Ouve sua mãe murmurar algo e fica paralisado. Ela se vira na cama e volta a dormir. João então sai do quarto e fecha a porta com calma. Ao conseguir, corre até o quarto para encontrar com a irmã.

CORTA PARA

6

INT. QUARTO - NOITE

6

SOFIA

Falei que você ia conseguir!

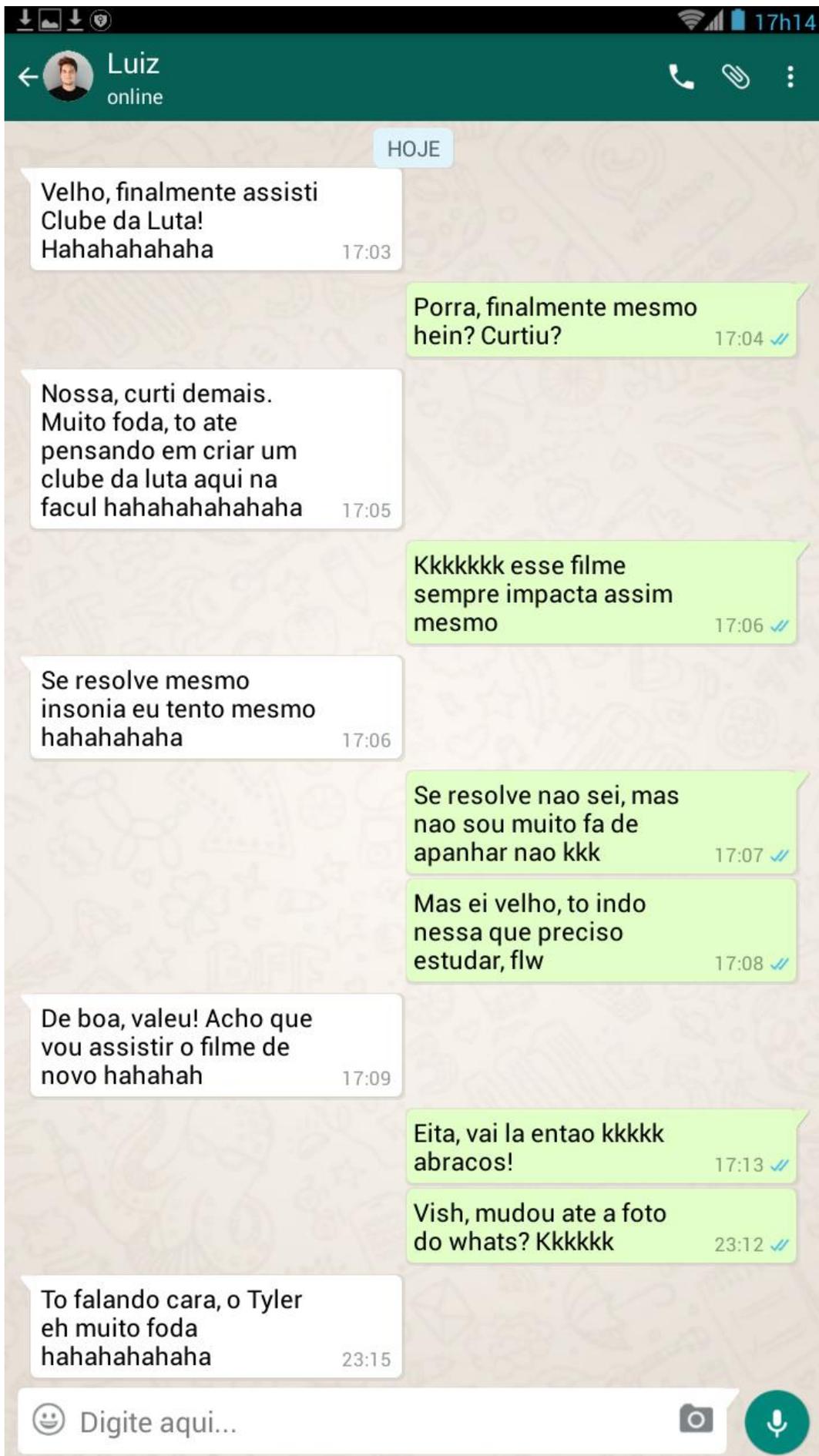
JOÃO

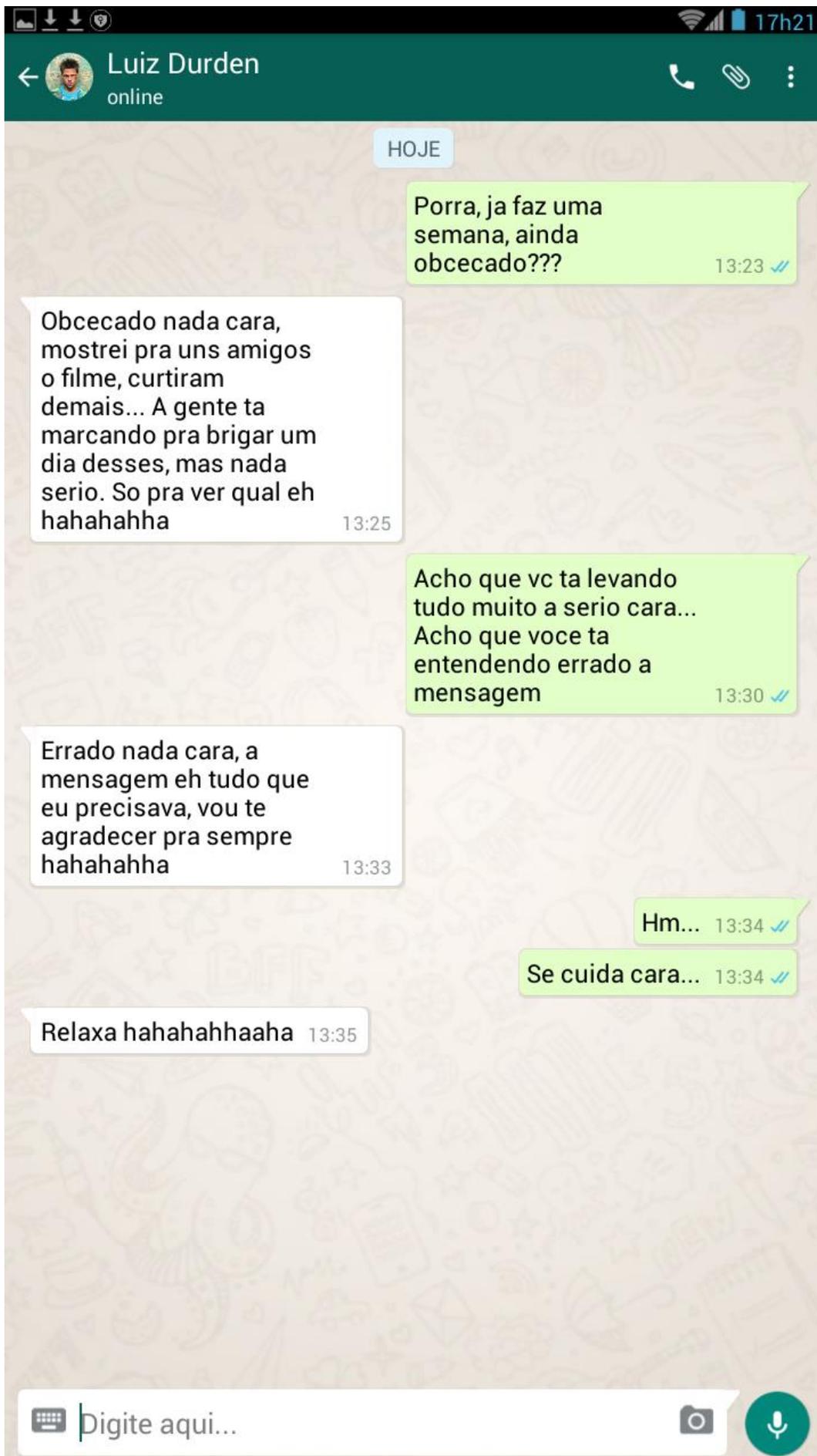
Fiquei com muito medo!

Os irmãos novamente se abraçam e correm para ligar a televisão. Ligam o videogame e aguardam.

Quando o videogame liga, uma mensagem aparece na tela da televisão dizendo "Ligue o controle", o controle liga e logo desliga. A televisão avisa: "Controle sem bateria, favor substituir por baterias novas".

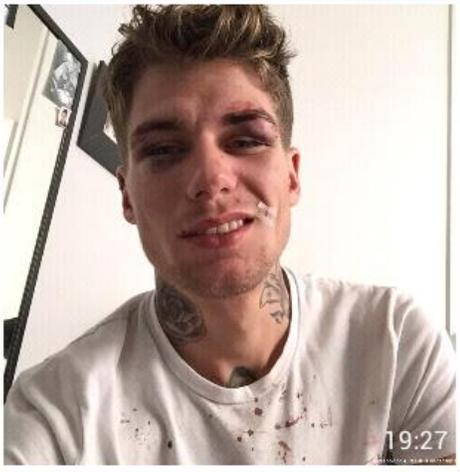
FIM.





Luiz Durden
online

HOJE



19:27

Hahahahaha olha isso
mano! 19:27

Credo cara. Que
aconteceu??? 19:28 ✓

Foi assaltado? 19:28 ✓

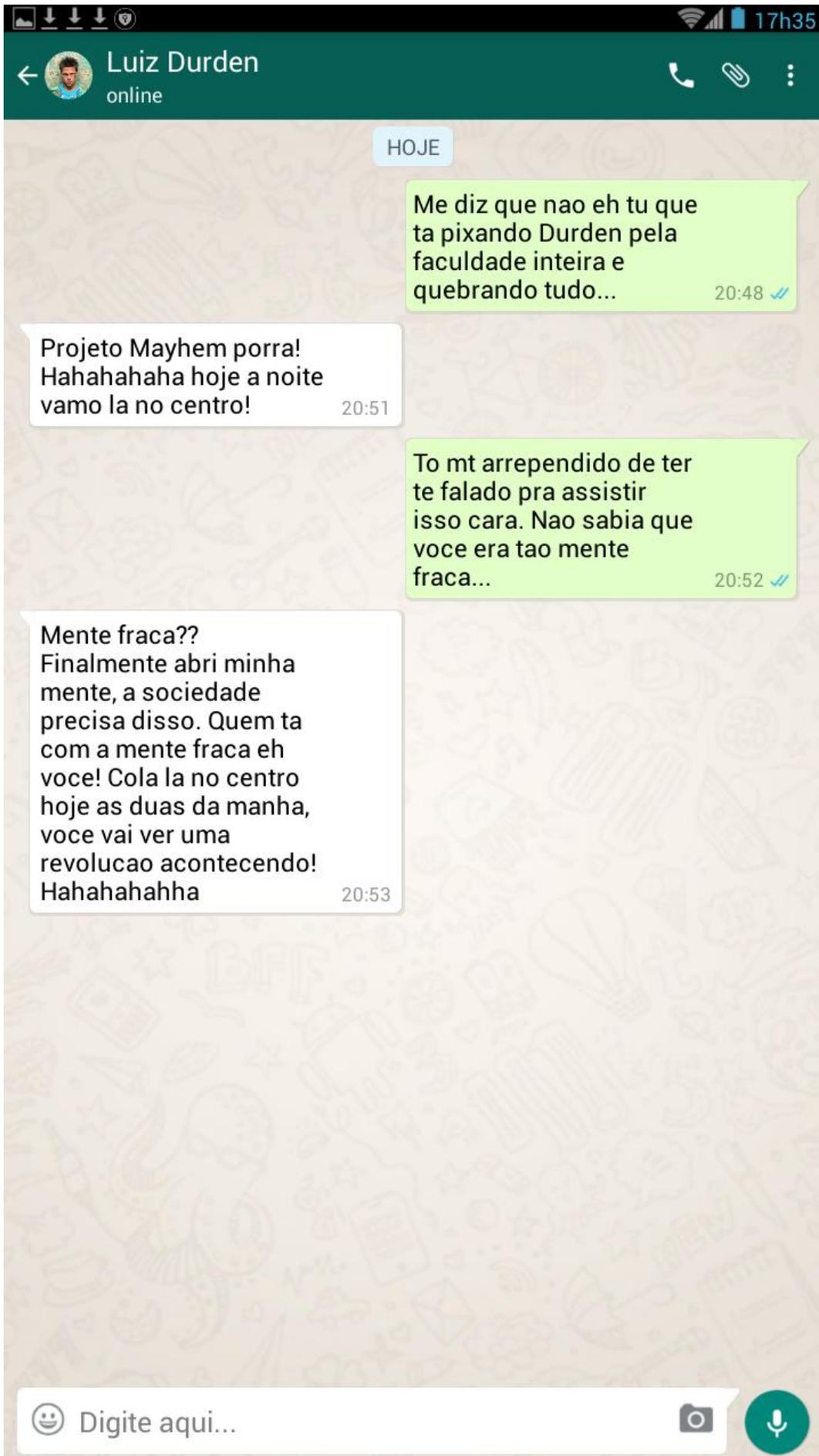
Nada po, primeiro
encontro do meu Clube
da Luta, mas nao conta
pra ninguem
hahahahaha 19:30

Pqp cara, para com essa
besteira antes que
aconteca alguma coisa,
na moral 19:32 ✓

Acontecer o que??
Nunca me senti melhor!
Se quiser participar cola
la no estacionamento do
CFM quarta meia noite! 19:34

... 19:39 ✓

Digite aqui...







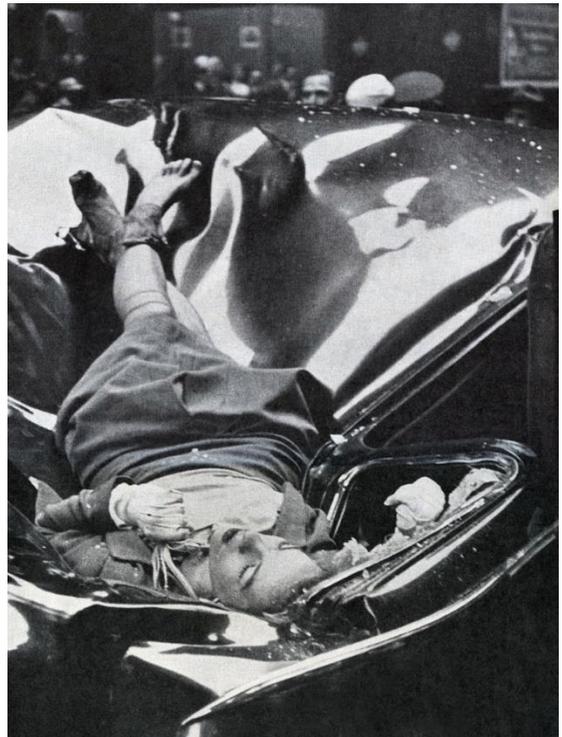
A garota e o cão, por Andrej Vasilenko

A garota e o cão

Os grãos de areia frios sob seus pés faziam subir um calafrio por seu corpo. O vento que tocava sua pele secava suas lágrimas. A sua frente o mar, imenso e intimidador, aquele que havia lhe tomado tudo, sua alegria, seu sorriso; a vida dele, o sorriso dele. Ao seu lado, o amigo, o companheiro, o último laço vivo com aquele que a deixara, aquele a quem dera a vida. Passo a passo em direção à água, o ritmo do coração cada vez mais acelerado. Precisava perdoar o mar. Precisava que a purificasse. E que levasse com ele o peso da partida.

O molde do corpo

O corpo molda o metal como se fosse água. Parece submergir pouco a pouco. A maleabilidade da vida unida ao peso da morte. Os olhos fechados e a expressão calma como a de quem flutua sobre o oceano, buscando o fim, ou quem sabe, um novo começo.



O suicídio de Evelyn McHale, por Robert Wiles



3 de Mayo, por José Manuel Ballester

4 de Maio

A lanterna ilumina, ainda, os resquícios do horror que ali se passara. O sangue no chão, ainda morno e em processo de coagulação, mescla-se à terra. Nesta, marcas de joelhos que imploravam misericórdia, misericórdia que não se fez presente. Só sobrou o sangue e a chama. E esta está prestes a se apagar.

Curiosidade

A mulher de vermelho curva-se à sua curiosidade, ajoelha-se e encosta sua orelha no chão, afim de saber o que a circundava, o que acontecia sob seus pés. Um tempero para a monotonia.



Curiosidade, por Kenton Nelson

CEGUEIRA HUMANA

Roteiro de

Bruno Kohler

1 EXT. CARRO - DIA

1

HELIO dirigindo seu carro e ouvindo a um programa de rádio.

Carro para no farol vermelho e, ao olhar para o carro ao lado, personagem não vê ninguém ao volante. Olha para o sinal, que continua vermelho, e ao olhar novamente para o carro ao lado avista o motorista.

O sinal abre e motorista acelera. Ao aproximar-se de uma faixa de pedestres ouve sons de buzinas e um forte som de batida em seu carro, que vai da frente ao teto do carro.

Homem freia o carro e sai dele, com pressa. Ao olhar ao redor vê vários carros parados com suas portas abertas sem ninguém dentro ou fora deles. Vozes gritam de todos os lados. Verifica marcas de colisão no para-choque e capô de seu carro, mas nenhuma vítima. Não há ninguém por perto.

CORTA PARA

2 INT. HOSPITAL - DIA

2

Helio está sentado em uma maca em uma pequena sala de consultas. A porta se abre e se fecha e uma voz fala:

MÉDICA

Olá Hélio. Meu nome é BIANCA, sou neurologista. Acho que o enfermeiro confundiu algo no seu prontuário, você pode me dizer o que está sentindo?

HÉLIO

Eu não vejo ninguém...

BIANCA

Você perdeu sua visão?

HÉLIO

Não, eu vejo tudo perfeitamente, menos pessoas. Eu não te vejo, não vi nenhum enfermeiro, nenhum paciente, nada.

BIANCA

Seus exames não retornaram nada. Estão perfeitos.

HÉLIO

(Nervoso)

Estou muito, muito longe de estar perfeito.

(CONTINUA)

BIANCA

Vou te levar para um quarto para
fazermos mais alguns exames.

Hélio anda pelos corredores vazios do hospital sendo
puxado pelo braço até chegar em um quarto. A médica o
guia até uma cama e Hélio se deita.

BIANCA

Vou pedir para alguém te buscar
para fazer uma ressonância. Pode
esperar aqui.

A médica se retira do quarto

HOMEM

O que é que você tem?

Hélio olha para a cama ao lado, vazia.

HÉLIO

(friamente)

Estou tentando descobrir.

HOMEM

Entendi, meu nome é
Antônio, prazer

HÉLIO

Hélio...

ANTÔNIO

Sorte a sua ter chegado hoje, não
aguento mais esse lugar. Já faz
dois meses que não vou pra casa

HÉLIO

Eu não diria sorte, mas tudo bem.

ANTÔNIO

Perto da minha situação quase
qualquer coisa é sorte, haha.
Eu...

HÉLIO

Então cara, eu estou tendo um
dia bem estressante, preciso
descansar.

ANTÔNIO

Desculpa, não queria atrapalhar.

HÉLIO

Tudo bem...

(CONTINUA)

Hélio vira sua cabeça e olha para a televisão. O noticiário era somente uma bancada sem repórteres. A manchete era "Número de atropelamentos extraordinário hoje em São Paulo". Hélio cai no sono olhando para a televisão. Após algum tempo sente uma leve sacudida no seu pé

ENFERMEIRA

Senhor Hélio, desculpa te acordar, já está na hora de seus exames, mas antes esses dois policiais querem falar com você.

HÉLIO

Eu já falei com a polícia no local do acidente. Do que mais vocês precisam?

POLICIAL Viemos

te informar que, infelizmente, a vítima não resistiu.

HÉLIO

Caralho...

POLICIAL

Você vai precisar responder por homicídio culposo. Você será avisado sobre a data do tribunal.

HÉLIO

Que merda...

POLICIAL

Recomendamos, também, que você compareça ao velório. Deve, pelo menos, ajudar com o juri. Além de ser bom pra você colocar um ponto final nisso tudo.

HÉLIO

Tudo bem...

POLICIAL

Por enquanto é só isso, entraremos em contato.

ENFERMEIRA

Hélio, vou te encaminhar para a sala de Ressonância Magnética. A Doutora Bianca não estava se sentindo bem e foi para casa.

ANTÔNIO

Quem está falando? Quem está aí?
Oi?

(CONTINUA)

CONTINUAÇÃO:

4.

ENFERMEIRA

Você precisa de algo Senhor Antônio?

ANTÔNIO

(Exaltado)

Cadê você? Quem está falando?

ENFERMEIRA

Vou buscar alguém pra você Antônio, espere aqui. Hélio, venha comigo, por favor.

CORTA PARA

3 EXT. HOSPITAL - FINAL DO DIA 3

Hélio sai do hospital e pega um táxi para casa.

TAXISTA

Que loucura esses atropelamentos hoje né?

Hélio não responde e se mantém em silêncio.

CORTA PARA

4 INT. CASA - NOITE 4

Hélio assiste televisão, noticiários e filmes sem pessoas. Sua expressão é apática. Notícias sobre a nova condição "Cegueira Seletiva-humana" tomam conta do noticiário.

CORTA PARA

5 INT. CASA - NOITE 5

Hélio cospe a pasta de dente, enxágua o rosto e ao secar, se olha no espelho. Seu rosto está lá. Olha para a capa de uma revista, ainda vazia. Vai até sua cama e dorme.

CORTA PARA

6 EXT. CEMITÉRIO - DIA 6

Hélio sai do táxi e chega no enterro da vítima. Se dirige até a sala de velório esbarrando em algumas pessoas no caminho. Dirige-se ao lado do caixão, vazio. Olha para o porta retrato, também vazio. Sua expressão é apática.

HOMEM

(exaltado)

O filho da puta tem a coragem de vir no enterro! E ficar olhando pra ela com essa cara de cú!

(CONTINUA)

CONTINUAÇÃO:

5.

Hélio, por reflexo, se vira em direção ao som. Ao virar a cabeça recebe um murro no lado do rosto. Cai de joelhos no chão. Ouve tumulto ao redor dele e é puxado pela gola para fora do recinto.

MÚLTIPLAS VOZES

Safado! Assassino! Psicopata!

Sente empurrões de todos os lados, tenta sair mas esbarra em pessoas que, para ele, não estão ali. Recebe uma cuspidinha em seu rosto. Se enfurece e começa a golpear o ar ao seu redor. Sente que atinge alguém. A multidão passa a se exaltar ainda mais, os gritos ficam mais altos e Hélio começa a ser golpeado com mais força. Então ele ouve um grito do segurança do lugar.

SEGURANÇA

Se afastem, todos vocês! Agora!
Você aí no chão, se levanta e
vem comigo.

CORTA PARA

7 INT. SALA DE SEGURANÇA - DIA

7

SEGURANÇA

A polícia deve estar chegando
a qualquer momento.

HÉLIO

Eu sou a vítima aqui. Começaram
a me agredir gratuitamente.

SEGURANÇA

Você agrediu uma senhora,
me poupe.

HÉLIO

Merda...

Hélio apático sentado na cadeira. Sirenes ao longe se aproximam.

CORTA PARA

8 INT. DELEGACIA - DIA

8

DELEGADO

Você tá até o pescoço com essas
acusações. Não vai ser fácil pra
você. Você vai ter que passar a
noite aqui.

Hélio apático sentado na delegacia. Televisão ao fundo orienta pessoas a não saírem de casa, informando que os casos de cegueira estão se espalhando rapidamente. Sociedade em caos.

CORTA PARA

9 INT. CELA DA DELEGACIA - DIA

9

Hélio apático sentado no fundo da cela. Grades se fecham. Ouve alguém da cela ao lado falar com ele.

HOMEM

E aí, que foi que você fez?

HÉLIO

Não sou culpado...

HOMEM

(sarcasmo)

Hahaha, ninguém nunca é.